

Um novo angolano, com jeito brasileiro

manuel@reitoria.unicamp.br

Em abril último, Angola comemorou o segundo ano de paz, depois de quase três décadas de conflitos internos. A guerra civil, iniciada logo após a independência de Portugal, provocou a morte de aproximadamente 1 milhão de pessoas e a mutilação de outras 150 mil em razão das minas terrestres, segundo estimativas de organismos internacionais. Atualmente, os angolanos experimentam as condições criadas pela estabilidade política e social para promover a reconstrução do país

Escolha do Brasil não foi casual

em praticamente todos os setores, do econômico ao cultural. Para alcançar esse objetivo, os africanos têm buscado o

auxílio de outras nações, entre elas o Brasil. E foi aqui que o filósofo Antonio Miguel André, funcionário do Ministério da Educação de Angola, veio procurar subsídios para ajudar na reflexão sobre o futuro da educação em seu país. O que ele viu e viveu em terras brasileiras está registrado em sua tese de doutorado, defendida recentemente junto à Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. No trabalho, Miguel, como prefere ser chamado, fala das possibilidades da educação não-formal como elemento para a formação de um novo homem, no caso o cidadão angolano do pós-guerra.

A escolha do Brasil como fonte da pesquisa de Miguel não foi casual. Trabalhando no Gabinete de Apoio e Acompanhamento às Províncias do Ministério da Educação, desde logo ele se interessou por investigar os problemas educacionais relativos aos meninos e meninas de rua de seu país. Mas antes de pensar em propor ações, ele sentiu a necessidade de estudar algumas experiências executadas na área, sobretudo as que se baseavam em atividades que compõem a educação não-formal. "O Brasil me pareceu o melhor lugar para buscar esses subsídios, uma vez que a realidade das crianças de rua é semelhante nos dois países. Além disso, Brasil e Angola têm a mesma língua e mantêm fortes ligações históricas e culturais", explica.

Assim, Miguel apresentou um projeto de pesquisa à Universidade Estadual do Espírito Santo, onde foi aceito no programa de mestrado. Ao final da dissertação, o filósofo não ficou totalmente satisfeito. "Notei que eu não tinha atingido o propósito inicial, que era investigar o processo educacional. Até então, eu estudara apenas a realidade dos meninos e meninas de rua", conta. O desafio foi transferido para a tese de doutorado, desenvolvida na Unicamp, sob a orientação da professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson e com apoio da Fapesp. A opção do pesquisador foi por conhecer organizações não-governamentais que atendessem crianças carentes e cujas atividades fossem orientadas pela educação não-formal.

Outra preocupação do autor da tese de doutorado foi travar contato com projetos que não encarassem a educação não-formal como substituta da educação formal, mas sim como um complemento desta última. "Esse aspecto foi bastante interessante, pois algumas ONGs brasileiras só aceitam rece-



ber crianças que estejam regularmente matriculadas na escola", afirma. Em suas andanças pelo Brasil, Miguel conheceu vários projetos, mas concentrou sua pesquisa em quatro deles: Axé (Bahia), Cecocia (Campinas), Gente Nova (Campinas) e Sol (Paulínia). Este último encontra-se extinto atualmente. Um dos principais aspectos observados pelo angolano foi como essas entidades trabalham as diferenças, por meio de atividades culturais, esportivas e oficinas profissionalizantes.

Miguel lembra que em Angola existem diversos grupos étnicos, com costumes, culturas e até mesmo línguas diversas. "Embora todos sejam angolanos, obviamente as diferenças existem e precisam ser consideradas. Neste aspecto, as experiências brasileiras se mos-

Independência deflagrou guerra

INDICADORES

traram muito interessantes", analisa. O objetivo central do trabalho, assinala o autor, não foi buscar receitas prontas para aplicar em Angola, mas sim encontrar elementos que ajudem a promover uma reflexão mais aprofundada acerca dos problemas educacionais enfrentados pelo seu país.

Feita a ressalva, Miguel destaca que um outro ponto importante observado por ele foi a forma como as crianças brasileiras se entendem. O rótulo "meninos de rua", indagou o filósofo, influenciaria no

processo de formação? O questionamento é pertinente, diz, pois muitas crianças carentes angolanas abandonam suas províncias para viver ou pelo menos passar grande parte do dia nas ruas de Luanda, a capital do país. Esse contingente, que é expressivo mas ainda não foi alvo de um censo, tende a questionar o conceito "meninos de rua", preferindo o de "meninos do Estado". "O desafio da sociedade e do governo é trabalhar todas essas aspectos, principalmente a questão da diversidade. Temos que

aproveitar as diferenças, de modo a fazer com que não se tornem fatores de discriminação", pondera.

Os propósitos dos projetos brasileiros, no entender de Miguel, aproximam-se dos objetivos que estão sendo perseguidos pelo povo angolano no atual estágio de reconstrução do país. No Brasil, afirma, a meta das ONGs tem sido promover o resgate da cidadania dos meninos de rua. Em Angola, a busca é pela formação do que ele chama de novo homem. "São termos diferentes, mas que têm o mesmo objetivo". Durante o desenvolvimento da tese, o filósofo entrevistou crianças e representantes de organismos não-governamentais tanto no Brasil quanto em Angola. Também ouviu angolanos de várias áreas, inclusive integrantes do governo, cuja formação foi feita total ou parcialmente em universidades brasileiras.

O próximo passo de Miguel será retornar a Angola, onde vivem seus familiares, provavelmente em julho. Ele adianta que deve reassumir suas funções no Ministério da Educação e utilizará o conhecimento adquirido no Brasil para pensar sobre as alternativas possíveis para que a nação africana enfrente, a partir da educação, o desafio de preparar o seu futuro. Depois de cinco anos em terras tupiniquins, o filósofo confessa que voltará para casa mudado, graças às experiências que aqui viveu. "Os brasileiros me ensinaram muito, principalmente sobre solidariedade". Ele próprio representa, de certo modo, o novo homem de que fala a sua tese. Mas com uma particularidade: um novo homem com jeito brasileiro.